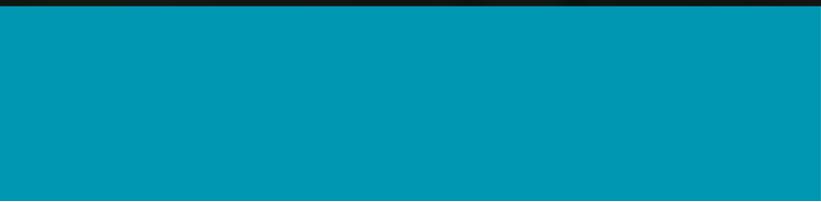


# O ACERVO ARQUEOLÓGICO DO SÍTIO CODESP

---



# O QUE ESSE MATERIAL ABORDA?

## APRESENTAÇÃO

1. OS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS
2. INVENTÁRIO DE ACERVO ARQUEOLÓGICO DO SÍTIO CODESP

## APRESENTAÇÃO

Este material foi desenvolvido no âmbito do “Plano de Gestão do Patrimônio Cultural do Sistema Viário da Margem Direita do Porto de Santos, SP”. Para informações sobre as pesquisas realizadas, vide selo PESQUISAS neste *Player*.

O texto reflete a pesquisa realizada entre os anos de 2008 e 2014.

## 1. OS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

A área do sítio arqueológico, assim como grande parte do Complexo Portuário, caracteriza-se por um espaço intensamente antropizado, cujos constantes processos de uso e ocupação do solo promoveram uma acentuada transformação do espaço urbano e da paisagem cultural. Tais transformações geralmente implicam em densas camadas de aterro ou grandes remoções de solo (cortes), formando em algumas áreas espessos “pacotes” de entulho ou “bolsões antrópicos”, os quais podem conter os mais diversos testemunhos materiais, inclusive de distintos períodos históricos.

Sendo assim, os testemunhos materiais relacionadas às mais diversas ocupações ocorridas neste cenário são constantemente deslocados de sua posição original e, por vezes, percorrem quilômetros dentro da malha urbana sendo finalmente depositados em contextos diversos de sua originalidade. Mesmo assim, podem trazer potencial informativo sobre as formas de apropriação e adequação do espaço por determinada comunidade, em determinado contexto histórico.

Por outro lado, áreas que no passado se configuravam como espaços livres tais como quintais, praças, pátios, etc., representavam espaços de convívio social e, conseqüentemente, símbolos das manifestações culturais de determinada comunidade, as quais mesmo sendo descaracterizadas pelos processos de transformação urbana, podem apresentar vestígios arqueológicos relacionados a estes períodos.

Dessa forma, o estabelecimento de pesquisas arqueológicas no Sítio da CODESP, objetiva encarar a cidade como um *sítio arqueológico*, configurando-a como o lugar das manifestações culturais dos diferentes agrupamentos humanos que nela interagiram e interagem.

A adoção destas medidas contribui na recuperação de fragmentos materiais capazes de refletir o comportamento sócio-cultural da comunidade em determinados períodos históricos, bem como, melhor compreender e documentar as formas de apropriação e transformação do espaço urbano.

Neste sentido, as pesquisas empreendidas no Sítio da CODESP permitiram recuperar centenas de vestígios arqueológicos que, por longo tempo, ficaram depositados no subsolo por ocasião de construções, reformas, demolições ou aterros e que, quando postos à luz da

arqueologia e em comparatividade com o material oriundo de outros sítios do município de Santos, dão informações significativas a respeito da cultura material produzida e/ou utilizada por alguns segmentos sociais que ocuparam a região no passado.

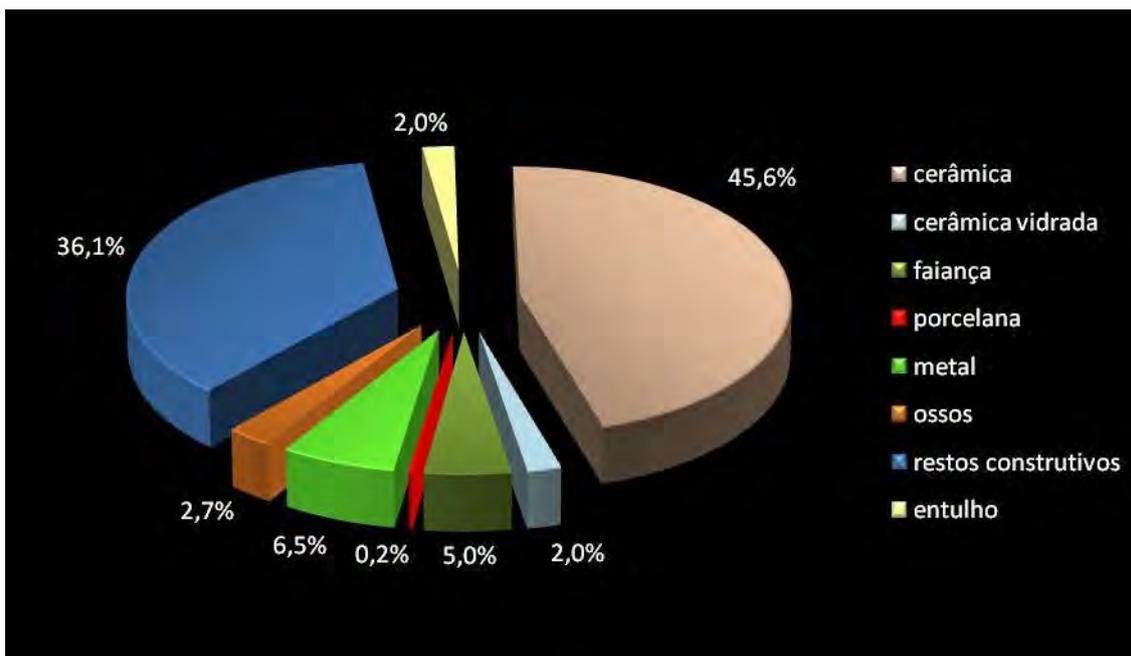
Dessa maneira, em associação a restos construtivos e entulho, os trabalhos de campo permitiram a recuperação de uma expressiva quantidade de fragmentos de cerâmica, faiança, metal, vidro, etc., que, embora estejam dissociados de seu contexto arqueológico original, fornecem informações sobre a própria materialidade (matéria-prima e seu processamento, tecnologia, morfologia, tipologia decorativa, funções, etc) e sobre as formas de organização da sociedade que os produziu e utilizou, revestindo-os de significativo potencial didático e educacional. Por outro lado, considera-se que o acervo deva ser analisado sob uma ótica que privilegie sua relação com a distribuição dos espaços e as variáveis socioculturais testemunhadas pelos vestígios arqueológicos.

Primeiramente os estudos foram direcionados para a realização de análises qualitativas e quantitativas dos vestígios arqueológicos, identificação de formas, padrões decorativos, marcas e processos de produção, procurando obter uma ampla visão sobre a cultura material produzida e/ou utilizada pelos segmentos sociais que ocuparam as instalações do sítio. Seqüencialmente, este estudo procura dar ênfase à funcionalidade dos artefatos, organizando-os em subconjuntos e inserindo-os nos diversos subsistemas do sítio da CODESP (domésticos, construtivos, produtivos, simbólicos, etc.), de modo a obter mais informações sobre os atributos dos utensílios e propiciar uma reconstituição por amostragem da “tralha” outrora existente no local.

Embora tenham sido recuperados vestígios das mais diversas categorias (faiança, cerâmica, metal, vidro, porcelana, ossos, conchas, restos construtivos, lítico, etc.), totalizando 1.185 fragmentos e peças coletadas, a maior parte do material refere-se a fragmentos de cerâmica e restos construtivos, havendo uma predominância da primeira categoria de material, conforme demonstra o gráfico a seguir.

Tal comportamento é recorrente em pesquisas efetuadas em sítios históricos, indicando um maior consumo/utilização de recipientes cerâmicos, os quais apresentavam um menor preço e uma maior oferta de produtos no mercado, obviamente por estarem associados à produções de caráter regional.

Isto posto, no conjunto do acervo estudado foram identificadas e analisadas as seguintes categorias de vestígios arqueológicos:



- FAIANÇA PORTUGUESA

No universo dos vestígios arqueológicos recuperados do Sítio CODESP, conforme dados anteriormente descritos, predominam fragmentos de utensílios relacionados ao cotidiano doméstico de unidades habitacionais, havendo um maior potencial de fragmentos cerâmicos. Todavia, no contexto dos utensílios domésticos também foram recuperados 110 fragmentos de faiança, na sua totalidade de origem portuguesa, predominantemente do tipo exportação, cuja identificação do padrão e técnica decorativa foi realizada com base nos critérios classificatórios adotados por Albuquerque (1991), Cushion (1987); Brancante (1981); Zanettini (1986); Lima et. al. (1989), Araújo et. al. (1993); Symanski (1998), Tochetto et al (2001), Julliani et al (2003) e Queiroz (2006).

Os produtos de faiança são feitos de argila de grande plasticidade, cozidos a baixa temperatura, porosos e resistentes, cobertos por esmalte opaco, que se destaca da base como se fosse uma pele, o que torna fácil a sua identificação. Segundo Albuquerque (1991), a faiança pode ser considerada como uma cerâmica vitrificada, sendo confeccionada a partir da combinação de seis partes de argila e quatro partes de cálcio (caulim). Na primeira fase de vitrificação recebe um banho de sal marinho e areia. Em seguida é aplicada a pintura decorativa em associação a um banho de óxido de estanho ou chumbo, com o conseqüente retorno ao forno para um novo cozimento.

Fabricada e comercializada por vários países, começou a ser produzida e exportada por Portugal para o Brasil desde a segunda metade do século XVI até início do XIX, sendo inicialmente denominada de *louça de Talavera*. No decorrer do século XVII havia em Portugal dois centros principais de produção – Lisboa e Coimbra, os quais eram responsáveis pelo abastecimento da Metrópole e de suas colônias (BRANCANTE, 1981: 116)

No decorrer do século XVIII amplia-se consideravelmente o número de estabelecimentos dedicados a produção da faiança em Portugal, com destaque para Porto, Gaia, Lisboa, Coimbra, Caldas da Rainha, Viana do Castelo, Aveiro, Alcobaça, Extremóz, entre outros, onde diversas fábricas podem ser apontadas.<sup>1</sup>

De acordo com sua origem recebeu diversos nomes e foi produzida no Brasil desde o século XVIII, onde era conhecida como meia faiança e apresentava esmalte de menor qualidade que as importadas. Entretanto ao final do século XVIII, com a ampliação da produção de faiança fina na Europa, a faiança portuguesa perde seu mercado, pois o novo produto torna-se a louça comum utilitária de maior acessibilidade, inclusive no Brasil, principalmente a partir da Abertura dos Portos em 1808.

Utilizando o material recuperado durante pesquisas arqueológicas em Vila Flor, Albuquerque (1991) criou uma periodização para a faiança portuguesa encontrada em sítios arqueológicos brasileiros. Neste trabalho o autor, levando em consideração o mercado consumidor ao qual se destinava, divide a faiança portuguesa em dois grupos:

- faiança de uso interno, produzida para venda no mercado interno, sendo utilizada amplamente em Portugal ou em suas colônias. Apresenta conjunto de peças pouco numerosas, com decorações simples e geralmente podem ser encontradas em sítios arqueológicos brasileiros.
- faiança tipo exportação, produção que visava o mercado europeu e colonial que até então se abastecia de porcelana chinesa, portanto, com maior poder aquisitivo. Os utensílios recebiam um melhor acabamento e apresentavam um maior repertório de formas.

Sobre os vestígios de faiança portuguesa provenientes do Sítio da CODESP, foram recuperados em geral, fragmentos de pequena dimensão e já bastante comprometidos, tenho em vista que em vários casos o esmalte estanífero apresenta pouca espessura e reduzida aderência, provocando assim hiatos decorativos no fragmento e, conseqüentemente, perda significativa de informação.

---

<sup>1</sup> Com base na obra de Brancante, *O Brasil e a Cerâmica Antiga* (1981, p. 107 - 118).

Fábrica	Região	Período	Observação
Massarellos	Porto	1738 a 1920	Também produziu faiança fina (pó de pedra)
Miragaia	Porto	1775	Apresentava peças em relevo e com policromia variada (azul, verde, roxo, amarelo e alaranjado). Nos primeiros tempos a ornamentação era baseada em festões e guirlandas
Afurada	Gaia	1789	Especializou-se em fabricar peças em biscuit e faiança pintada
Cavaco	Gaia	1778	Apresentava uma grande produção de estatuetas de ornamentação.
Bandeira	Gaia	1835	Especializou-se em fabricar peças estampadas
Devezas	Gaia	1865	Exportou muito para o Brasil, principalmente peças de adorno para construção (pinhas, estátuas, etc.)
Sto. Antonio do Porto	Gaia	Século XIX	Destacou-se na produção de peças utilizadas na ornamentação de casas e jardins, como por exemplo, as estátuas representando as quatro estações.
Rato	Lisboa	1767 - 1834	Conhecida como a Real Fábrica do Rato, representando o mais importante centro produtor de Portugal. Produziu peças de excelente qualidade, principalmente na perfeição do esmalte e na pintura decorativa.
Bica do Sapato	Lisboa	1796	Produziu todo o tipo de louça sob glasura levemente azulada usando o azul, o verde, o amarelo, o vinho e o laranja.
Constância	Lisboa	1836	Produzia louça pó de pedra e também louças com a pasta preta.
Sacavém	Lisboa	1850	Destaca-se na produção dos azulejos esmaltados.
Raphael Bordallo Pinheiro	Caldas da Rainha	1884	Criou novas formas e estilos, introduzindo a caricatura na louça com tipos populares e políticos.
Darque ou Viana	Viana do Castelo	1774 - 1855	Tem como característica básica a utilização de uma linha (corda) circundando as abas ou caldeiras das peças.
Juncal	Alcobaça	1770 - 1876	Nas peças predominavam as cores vinho e azul



*Foto 1 - Fragmento de faiança portuguesa com esmalte e decoração comprometida*

Entretanto, no universo do material associado à faiança portuguesa alguns fragmentos apresentaram motivos decorativos que permitiram situar o vestígio a determinado período de produção<sup>2</sup>, como segue:

Peça 01:

Fragmento decorado pelo motivo chamado de “rendas portuguesas” ou “rendas de Coimbra”. Tal motivo decorativo indica que o fragmento está associado ao quarto período, o qual é definido a partir do segundo e terceiro quartéis do século XVIII, apresentando uma grande diversidade de motivos, sobretudo inspirados em motivos portugueses e europeus.

*Foto 2 - Faiança – PT2  
N8*



Peça 02:

Fragmento com motivo decorativo caracterizado pela presença de elementos em tom vinho fazendo alusão aos chamados “aranhões”. A presença de faixas livres em tom azul em associação aos grafismos em tom vinho permitem associar este fragmento ao 3º período, o qual corresponde a presença de uma decoração baseada em motivos chineses com características populares em sua confecção. Insere-se entre o último quartel do século XVII e o primeiro quartel do século XVIII.



*Foto 3 - Faiança S24 E4 N8*

Peça 03:

Fragmento com motivo decorativo caracterizado por uma seqüência de semi-círculos concêntricos delimitados por linhas paralelas na cor azul. Tal motivo indica que o fragmento está associado ao primeiro período, ou seja, segunda metade do século XVI até o primeiro quartel do século XVII, cujos utensílios de faiança apresentam decoração essencialmente inspirada em temas chineses, basicamente em tonalidade azul sobre esmalte branco.



*Foto 4 - Faiança S24 F1 N7*

2 A periodização dos fragmentos foi realizada com base no trabalho de Albuquerque, A *Faiança portuguesa dos séculos XVI a XIX em Vila Flor*, RN, (1991), onde o autor estabelece cinco períodos para a produção da faiança portuguesa do tipo exportação.

Peça 04:

Embora de pequenas dimensões, os fragmentos em questão parecem estar associados ao primeiro período (segunda metade do século XVI até o primeiro quartel do século XVII), apresentando motivo decorativo composto por uma seqüência de semi-círculos concêntricos delimitados por linhas paralelas, executado na cor azul.

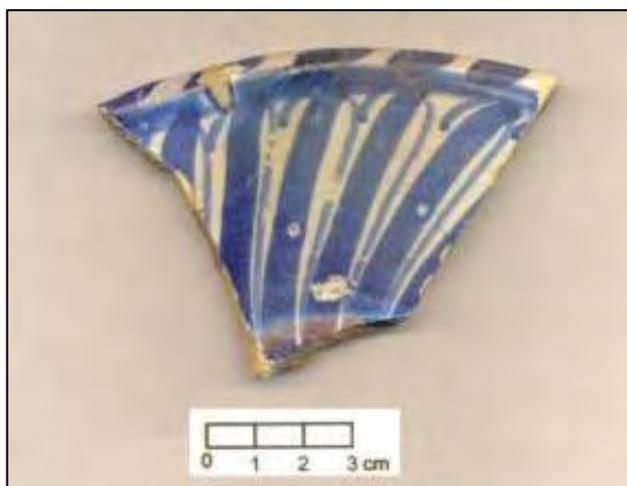


*Foto 5 - Faiança S14 N4 N7*

Além destes vestígios que apresentaram motivos decorativos considerados como diagnósticos, alguns fragmentos recuperados trazem a superfície interna e/ou externa decoradas com faixas azuis, motivos comumente utilizados em recipientes domésticos situados entre os séculos XVI e XVIII.

Geralmente Portugal produzia este tipo de faiança para comercialização no mercado interno e para suas colônias, cujos utensílios eram destinados ao uso diário e apresentavam qualidade inferior e um menor custo em comparação com a faiança do tipo exportação.

**Foto 6 - Fonte:**  
*www.magmarqueologia.pro.  
br/FaiancaAzul.htm*



- CERÂMICA

Dentre as várias categorias de vestígios provenientes do sítio da CODESP, a cerâmica representa 75,4% de todo o acervo, constituindo o maior universo dos vestígios encontrados, aspecto que também foi registrado nas pesquisas realizadas no Sítio da Barca, neste caso, havendo uma predominância de fragmentos cerâmicos com pintura em branco e vermelho.

Nesta categoria de material, foram recuperados 894 fragmentos de vasilhames, certamente relacionados ao cotidiano doméstico e ao processamento, preparo, consumo e armazenamento de víveres.

Dessa forma, partindo dos atributos técnicos, estilísticos e morfológicos dos fragmentos cerâmicos, procurou-se efetuar análises sobre a funcionalidade da louça utilitária de barro existente no sítio arqueológico, buscando obter informações sobre os aspectos socioculturais dos ocupantes do local.

Outrossim, o universo da cerâmica aparece como um elemento diferencial devido à sua representatividade qualitativa e quantitativa. Por outro lado, aponta para uma produção regional, razão pela qual ao tratarem-se os vestígios cerâmicos exumados do Sítio Arqueológico da CODESP, considerou-se apropriada a utilização do termo “cerâmica de produção local/regional”<sup>3</sup>.

Sobre esta cerâmica existem informações sobre zonas produtoras de utensílios de barro no Estado de São Paulo, como por exemplo o Vale do Ribeira, o Litoral Norte de São Paulo, Vale do Paraíba paulista, entre outras.

Em meados da década de 40 do século XX, Ruy Tibiriçá assinala a presença de dois importantes centros produtores de louça de barro na região do Vale do Paraíba, onde o autor assinala que os utensílios eram fabricados por caboclos, que não utilizavam a roda de oleiro no processo de produção. Além disso, em relação à decoração dos recipientes, conservavam alguns motivos artísticos indígenas como “... círculos pintados, ponteados, os V V e a cruz circunscrita.”

Um outro centro de produção regional é apontado por Scheuer (1976, p. 93), representado pelo município de Cunha, onde os utensílios cerâmicos apresentavam as formas ovóide e carenada, possuindo as decorações ondulada, unglada, digitada, entalhada, canelada, riscada e pintada.

---

3 O termo “cerâmica de produção local/regional” foi utilizado por Zanettini (2006) em sua tese de Doutorado, *“Maloqueiros em seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista”*, 2006.

Em geral os vestígios cerâmicos recuperados de sítios arqueológicos históricos apresentam pouca variação tecnológica, com predomínio da técnica de acordelamento. Existem poucos exemplares moldados, modelados ou confeccionados com o uso do torno, situação análoga ao material cerâmico recuperado do Sítio da CODESP, cujo acervo é representado por fragmentos de bordas, bases, apêndices, fragmentos simples, com engobo e com decoração plástica (escovado, ponteadado, inciso, entalhado e corrugado)

No conjunto do material cerâmico constata-se um predomínio do tipo simples sem decoração, seguido de com decoração plástica (corrugado e escovado). Uma significativa quantidade dos vestígios é representada por fragmentos com engobo, predominantemente em tom vermelho, na face externa e/ou interna, característica associada a recipientes utilizados para armazenar água (SCHEUER, 1971, p. 81).



*Foto 7 - Cerâmica com engobo vermelho  
S24 C1 N8*



*Foto 8 - Borda S24 E4 N7*



Além dos fragmentos simples e com engobo ocorrem fragmentos com decoração plástica do tipo escovado, pontead e corrugado, tipologias decorativas relativamente comuns em sítios arqueológicos inseridos em grupos associados a *Tradição Cultural Tupiguarani*. Todavia, este tipo de decoração também foi utilizado em recipientes confeccionados em centros regionais de produção cerâmica, sendo muitas vezes também encontrado em sítios de natureza histórica, como por exemplo, os exemplares recuperados do sitio da Barca, também no município de Santos.



*Foto 9 - Decoração plástica*

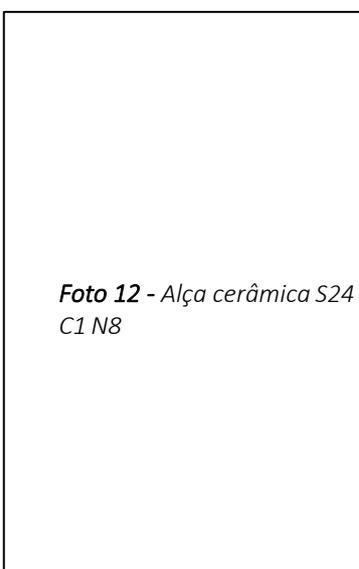
Dentre os atributos da amostra, comumente a pasta dos fragmentos é composta de antiplástico mineral de granulometria média, porém não é possível determinar se os grãos minerais já faziam parte da composição da argila ou se eram inseridos intencionalmente pelo artesão<sup>4</sup>.

Os recipientes foram produzidos por acordelamento, as bases apresentam-se como planas e entre as bordas observam-se algumas reforçadas externamente com lábios arredondados, em geral sem decoração. No conjunto dos vestígios cerâmicos, foram ainda identificados fragmentos de apêndices, tais como, cabos e alças.

<sup>4</sup> Para tanto seriam necessárias análises das características mineralógicas das fontes de matéria- prima, o que se configura como uma questão complexa, pois as jazidas de barro foram completamente destruídas pelo intenso processo de urbanização ocorrido no Bairro de São Francisco nos últimos anos.



**Foto 11** - Alça cerâmica S24  
E1 N9



**Foto 12** - Alça cerâmica S24  
C1 N8



Esse tipo de louça utilitária de barro, caracterizada pela presença dos atributos técnicos, morfológicos e decorativos, existente no acervo recuperado, poderia ser enquadrado na chamada Tradição Neobrasileira<sup>5</sup>, “...tributária da fusão de diversas culturas, marcada pela “sobreposição de estilos, as técnicas decorativas e de manufatura indígenas, agregada de elementos europeus e africanos, como base plana, apêndices (alças, cabos, gargalos, etc)”. (MORALES, 1993, p. 167).

<sup>5</sup> A chamada Tradição Neobrasileira foi definida na década de 60 por ocasião do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA).

Não obstante, embora a cerâmica do Sítio da CODESP possua tais atributos, por questões meramente terminológicas optou-se pela adoção do termo “cerâmica de produção regional”, conforme já assinalado no início deste capítulo e também já apontado em relação ao material cerâmico proveniente do Sítio da Barca. Por outro lado, os utensílios cerâmicos recuperados pelas escavações podem apresentar atributos tecnológicos, morfológicos, funcionais e estilísticos característicos da região, o que certamente implica estudos mais aprofundados e direcionados especificamente para a análise da cerâmica produzida regionalmente.

- **CACHIMBOS**

Ainda em relação aos vestígios cerâmicos, também foi recuperado um exemplar de cachimbo cerâmico, utensílio popularmente conhecido como pito de barro, “... *que a iconografia da época mostra terem sido utilizados pelos escravos, homens e mulheres indistintamente*”. (LIMA et al., 1993: 189).

No caso específico deste exemplar, o forninho encontra-se fragmentado e o porta-boquilha caracteriza-se como longo, possuindo a superfície alisada com a presença de decoração baseada em incisões e relevos, basicamente em motivo geométrico formando conjunto de cruces diagonais. Em geral, os cachimbos encontrados em sítios históricos apresentam várias formas angulares<sup>6</sup>, existindo uma diversidade dos tipos de forninho e porta-boquilha, geralmente confeccionados por colonos e relacionados a produção regional. (BECKER E SCHMITZ, 1969: 153).

De acordo com Serrano, “*forninho é a cavidade em forma de funil que recebe o tabaco: chaminé, o canal por onde passa a fumaça. A boquilha é quase sempre postiça e constituída por um canudo*”.(SERRANO, 1937, p.29).

Ainda seguindo a classificação de Schmitz (1969), embora possua o forninho fragmentado, pode ser classificado como do tipo angular, onde “*as boquilhas tem o corpo do seu forninho tão longo quanto o porta-boquilha, formando ambas partes sempre em ângulo reto*”. (SERRANO, 1937, p. 33, *apud* SCHMITZ, 1969).

---

<sup>6</sup> Foi adotado o termo angular, seguindo os critérios de classificação utilizados por Becker e Schmitz, 1969, op.cit.

A pasta deste cachimbo é mediana, contém grãos de quartzo de pequena dimensão e apresenta uma boa queima. Produzido por modelagem, possuem a face externa alisada, com base e borda aplainada, possuindo decoração do tipo inciso em motivos geométricos, em geral com traços diagonais no forninho e na extremidade do porta-boquilha.

*“No geral, os artífices confeccionam os pitos à mão, sem a utilização de forma, como as usadas em outras regiões. Os exemplares mais comuns são os pitos pequenos, que apresentam alguns traços paralelos verticais, inclinados, cruzados, etc., como ornamento.”* (LIMA et. al., 1981: 291).

Segundo Agostini<sup>7</sup> (1997), a maioria destas peças possui a parte interna do forninho e porta-boquilha com a forma cônica, apresenta boa queima e possui um tratamento dado à superfície que as enegrece. (AGOSTINI, 1997, p. 30) Em relação à tipologia decorativa, a maioria é representada por motivos geométricos em relevo, em que se destacam linhas paralelas retilíneas e onduladas e seqüência de pontos ou semi-esferas.

Muitos autores também têm procurado associar esse tipo de cachimbo ao elemento escravo, cujo padrão decorativo também se apresentaria como símbolo de afirmação étnica e resistência cultural, aspecto que deverá ser analisado futuramente mediante análises comparativas com cachimbos cerâmicos provenientes de sítios arqueológicos de período e composição análogos ao sítio da CODESP.



**Foto 13 - Cachimbo**

---

<sup>7</sup> Camila Agostini desenvolveu estudos procurando estabelecer relações de identidade africanas em cachimbos cerâmicos. Para tanto, analisou várias amostras de cachimbos provenientes de sítios históricos, ocasião em que estudou a coleção de cachimbos do Sítio São Francisco.

- LOUÇA VIDRADA

Embora muitas vezes ocorra na literatura especializada associada ao material cerâmico, por questões metodológicas, optou-se aqui por descrever este material separadamente, sob a denominação de *louça vidrada* “... que é um tipo de cerâmica (terracota) revestida com vidrado amarelado, criada na busca de melhoria de qualidade e impermeabilidade para a cerâmica comum.” (JULIANI, 2003, p. 120)

Embora tenha sido um tipo de louça muito comum em Portugal, desde o século XVI, possui pouca representatividade no sítio arqueológico da CODESP, constituindo comportamento análogo ao Sítio da Barca, representando apenas 3,8% do material recuperado (46 fragmentos). Em geral, boa parte dos utensílios de louça vidrada (*poterie vernissée*) era importada da Europa, sobretudo de Portugal, porém, segundo Brancante (1991), ao menos no decorrer do século XIX, este tipo de material era produzido em vários estados brasileiros.

Segundo Francisco Marques dos Santos *apud* Brancante (1991: 440), “a louça vidrada fabricada no país entrava como hoje na casa abastada, através dos alguidares, boiões, panelas e em peças de variada utilidade”

Assim, embora em pequena quantidade, os fragmentos de louça vidrada do sítio da CODESP apresentam na superfície interna e/ou externa um vidrado amarelado, indicando uma preocupação em impermeabilizar os recipientes, em geral utilizados para acondicionar líquidos tais como, talhas, potes, bules, canecas, vasos e boiões.

Foto 14 - louça vidrada



- METAL

Assim como na maioria dos sítios históricos, a categoria de objetos metálicos é representada por uma pequena quantidade de vestígios. Especificamente no caso do Sítio da CODESP, todo material recuperado corresponde a apenas 5 fragmentos coletados (embora tenha-se registrado em meio aos entulhos dos aterros mais de uma centena deles) representados predominantemente por restos construtivos (pregos, arames, porcas e cravos) na grande maioria constituindo material de entulho e aterro. Tal afirmativa é corroborada pela presença de material relativamente recente, como é o caso de porcas e parafusos identificados junto as camadas arqueológicas, o que indica uma certa “perturbação” do sítio em questão.



*Foto 15 - Metal PT 55 N8*

Em geral o material ferroso se encontrava muito oxidado, dificultando inclusive a identificação de alguns objetos. Mesmo assim, durante o processamento laboratorial algumas peças puderam ser identificadas, predominantemente cravos utilizados amplamente em construções desde meados do século XVI até fins do século XIX. Ainda em relação ao material ferroso, foi possível constatar um ferradura associada a tralha eqüestre, também comumente encontrada em sítios de natureza histórica.



*Foto 16 - Cravos e ferradura.*

- **OSSOS**

Constituído por 56 fragmentos, os vestígios ósseos do Sítio da CODESP, representam 4,4% da amostra, quantidade bem menor que o acervo recuperado do Sítio da Barca. No conjunto, foi possível identificar ossos de mamíferos (bovinos e suínos), conchas e ossos de aves, certamente relacionados a restos alimentares. Assim, como é recorrente em grande parte de sítios históricos de período correlato, foi constatada um predominância de fragmentos de ossos de bovino em geral com evidência de corte e descarte, constituindo amostragem da dieta alimentar dos segmentos sociais que ocuparam esta parte do município de Santos no passado, mesmo porque a bibliografia específica aponta o alto consumo de carne bovina e suína pela comunidade durante o limiar do século XIX.



*Foto 17 - Coleção de ossos*

Ainda nesta categoria de material, embora não relacionado a dieta alimentar, merece destaque um “alfinete de cabelo” com cabo ósseo onde são observados elementos decorativos em motivos geométricos entalhados.



- **VIDRO**

No conjunto do material arqueológico do Sítio da Barca, os fragmentos de vidro constituem uma categoria de vestígios com baixa ocorrência, totalizando 13 amostras coletadas (embora em meio ao entulho tenha sido registrada grande quantidade de vidro plano industrializado, não coletado). No conjunto, quase que a totalidade dos fragmentos apresenta-se na tonalidade verde (claro e escuro) estando relacionados a garrafas de bebidas de produção industrial e associados a material de entulho.



- OUTROS VESTÍGIOS

Além das categorias dos vestígios descritos anteriormente, foram também identificados no Sítio da CODESP objetos relacionados a restos construtivos e entulho tais como fragmentos de tijolos, telhas francesas e capa e canal, azulejos, manilhas, borracha, plástico e vasos sanitários, na sua grande maioria associados a deposição de entulho e aterros constituindo situação análoga ao Sítio da Barca, também pesquisado no contexto das obras da Avenida Perimetral do Porto de Santos.



Tal situação já foi apontada em tópicos anteriores, indicando que o sítio arqueológico em questão foi intensamente antropizado em função de inúmeras intervenções ocorridas no local para adequar o complexo portuário às correntes necessidades de ampliação e modernização da infra-estrutura existente. Tal aspecto é testemunhado pela existência de toda a malha viária e ferroviária, bem como, por todo o conjunto de edificações que integra o complexo, cuja implantação implicou em intensos processos de transformação do espaço, sobretudo decorrentes da necessidade de se promover inúmeros aterros em uma área que, a princípio, se mostrava inadequada à ocupação urbana.

Em relação aos fragmentos de telhas, a grande maioria está associada às telhas popularmente conhecidas como “capa e canal”, que são comuns em todo o território nacional sendo utilizadas até hoje, até como reaproveitamento em várias construções existentes no país. No caso do litoral as construções mais simples geralmente eram construídas com paredes de pau a pique e com cobertura com esta tipologia de telhas, tendo sido utilizadas amplamente pelas comunidades litorâneas até o início do século XX, sendo conhecidas como “casas caiçaras.”



**Foto 20** - Caça Caiçara típica do litoral Norte (Década de 20).

Já os tijolos encontrados não apresentaram marcas ou inscrições que fizessem referência ao local de origem, todavia este tipo de material construtivo passa a ser utilizado amplamente no país a partir da segunda metade do século XIX com a ampliação de nossas importações e com a chegada da mão de obra imigrante européia.

## 2. INVENTÁRIO DE ACERVO ARQUEOLÓGICO, SÍTIO CODESP

Proveniência	Cerâmica	Cer. vidrada	Faiança	Porcelana	Vidro	Metal	Osso	Restos construtivos	Entulho/ Outros
PT 1 N7	22	2					1	2 telhas	
PT 2 N 7	3		3			1 ferradura			
N 8	9		5						
PT 3 N 9	2							1 azulejo	
N 10	5								
N13	1								
PT 6 N 13		1							
PT13 N9	1								
N 11	2								
PT 14 N 10		2							
N 11		3							
PT 26 N 10	1								
PT 30 N 3						1 ferrolho			
PT 32 N7			3						
N 10	1								
PT 37 N 6			1						
N 10			2						1 fusível

N 11	1								
N 12	13								
N 13	7								
PT 39 N5	3		1						
N8	1								
PT 40 N11					1				
PT 41 N 4	1								
PT 42 N6			2						
N 13	2								
PT 43 N 11		1							
PT44 N10		1							
PT 46 N8	1								
PT 49 N6	1								
PT 51 N6	5								
PT 52 N7	2								
PT 53 N7	1								
PT 55 N8							1 porca		
S19 N3			1						
N4	19		3						
N5	21	3	4						
S20 N5	3								
N6	1								

N 7	9		2					
N9	1							
N 10	1		1					
S21 N7	7		6			1		
N8	20						2 telhas	1 lítico
S 23 N 4					1			
N 6			1					
N 7			1				5 telhas	
Setor 1 A4 N5	8		2					
N6	54		9					
N7			10					
A4 N 8	11		2					
B4 N4	33	1	2			1		
B4 N5	8							
N6	9							
N7	159	6	10		1	3	24 telhas	
N8	47						1 piso	
N9	11						1 piso	
N10	1		1					
N11	2							1 cachimbo
N12	1						1 telha	
C1 N4			1		1		4 piso	
N5	1							1 louça

N 6					1				
N7	53		5						
N 8	132	2	4				6		
N9	3								
N12			1						
C4 N4							1		
N5	1								
N7	5								
D2 N7	14								
N8	23						1		
D3 N6	3	1	1						
N7	21							2 telhas	
N8	5				7				
N9	6	2	1				1		
D4 N7	4	1	2						
N8								1 tijolo	
E1 N6	3			4					
N7	4								
N8	15	5	7				3	1 amianto 7 telhas	
N9	14						3		
N10	12						3		
N11	5	1	4				5		

E4 N7	7		2				2		
N8	26		1					1 telha	1 borracha
F1 N5									1 louça pia
N6		1					10		
N7			3				1		
N8	10	10	3		1		10		
N 9	3								
N10	2	1				2 metais	1		
N11	1	2							
N12	2								1 grampo cabelo
F4 N8	8		3						
TOTAL	894	46	110	4	13	5	53	53	7

TOTAL GERAL: 1.185 peças